



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL  
Curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura  
Trabalho de Conclusão de Curso

**CRISE ECOLÓGICA NA TRILOGIA *COMANDO SUL*:  
Entre a distopia social e a utopia ambiental**

**Danielle Ribeiro de Carvalho e Oliveira**

Brasília  
2022

DANIELLE RIBEIRO DE CARVALHO E OLIVEIRA

**CRISE ECOLÓGICA NA TRILOGIA *COMANDO SUL*:  
Entre a distopia social e a utopia ambiental**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia –  
apresentado ao Departamento de Teoria Literária e  
Literatura do Instituto de Letras da Universidade de  
Brasília para obtenção do título de licenciada em Letras  
– Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto.

Brasília

2022

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL  
Curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura

DANIELLE RIBEIRO DE CARVALHO E OLIVEIRA

**CRISE ECOLÓGICA NA TRILOGIA *COMANDO SUL*:  
Entre a distopia social e a utopia ambiental**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia – apresentado ao Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Aprovado em: 23 de setembro de 2022.

A todos os meus professores do curso de Letras –  
Língua Portuguesa e Respectiva literatura que  
contribuíram para a minha vida como discente e  
aprendiz

## AGRADECIMENTOS

Ao meu amigo e professor de Artes Leo, por ter me apresentado a trilogia estudada neste trabalho. Aos meus amigos Peri, Ana e Fernanda, por permitirem que eu fale sobre meus devaneios literários toda terça-feira. Ao meu amigo Fernando, por ter me lembrado de sempre reafirmar meu compromisso de estudar o que toca a minha alma.

Aos meus pais, Marta José e Daniel Ricardo, e à minha amiga e irmã Elisa, por darem apoio para a única da família obcecada por literatura.

Sou grata também às cachorras Tati e Lulu e a todos os animais e plantas que passaram pelos cuidados do meu lar. Foi um prazer me associar com esses seres para passar pelo momento difícil que foi a pandemia.

Enfim, obrigada, em especial, ao meu orientador Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto, que, além de ter me dado todo o suporte com suas correções e incentivos, acreditou em mim quando apresentei esta literatura estranha e mergulhou de cabeça na narrativa.

“- Todos nós vivemos em uma espécie de sonho contínuo- retruquei- Quando acordamos, é porque alguma coisa, algum acontecimento, uma alfinetada que seja, perturbou as bordas daquilo que chamamos de realidade”.

**Jeff Vandermeer**

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por finalidade estudar o projeto literário do autor anglófono de destaque na literatura ecocrítica, Jeff VanderMeer, o nome mais expressivo do subgênero *New Weird*, ou ficção do estranho em tradução livre. Apurar-se-á as maneiras pelas quais esse novo subgênero literário, uma mistura de elementos do fantástico, da ficção científica e do horror cósmico, tece narrativas frenéticas e imaginativas e se mostra inovador ao abordar a temática dos problemas ambientais enfrentados pela contemporaneidade. Para tal, este trabalho analisará aspectos bibliográficos do autor, a fim de estabelecer conexões com suas obras, e examinará seus universos ficcionais elaborados em mais de um livro, com a finalidade de elencar as características predominantes da autoria do artista. O objeto central de análise deste escrito acadêmico é a série de mais sucesso de VanderMeer, a trilogia *Comando Sul*, composta por *Aniquilação* (2014), *Autoridade* (2015) e *Aceitação* (2016). Seu primeiro volume foi traduzido para mais de 35 idiomas e eleito *best-seller* pelo jornal *New York Times*. Após a interpretativa análise da composição da narrativa alegórica que usa do fantástico para confrontar o leitor com a real crise ecológica pelos conceitos de Massaud Moisés (2004), Osman Lins (1976), Borges Filho (2007) e António Candido (1976), alguns paralelos entre as ideias de VanderMeer e a filosofia de Ailton Krenak (2021) – um dos líderes indígenas brasileiros mais proeminentes na luta pela preservação ambiental – foram inseridos na busca por enfatizar a atualidade e urgência do assunto.

**Palavras-chave:** Crise ecológica; Trilogia *Comando Sul*; Distopia ambiental; Jeff VanderMeer; Ecocrítica; *New Weird*.

## ABSTRACT

This Course Completion Work aims to study the literary project of the prominent English-speaking author in ecocritical literature, Jeff VanderMeer, the most expressive name of the New Weird subgenre, or fiction of the strange in free translation. It will investigate the ways in which this new literary subgenre, a mixture of elements of the fantastic, science fiction and cosmic horror, weaves frantic and imaginative narratives and proves to be innovative in approaching the theme of environmental problems faced by contemporaneity. To this end, this work will analyze bibliographic aspects of the author, in order to establish connections with his works, and will examine his fictional universes elaborated in more than one book, in order to list the predominant characteristics of the artist's authorship. The central object of analysis of this academic writing is VanderMeer's most successful series, the Southern Command trilogy, composed of *Aniquilação* (2014), *Autoridade* (2015) and *Aceitação* (2016). Its first volume has been translated into more than 35 languages and voted a bestseller by the New York Times. After the interpretative analysis of the composition of the allegorical narrative that uses the fantastic to confront the reader with the real ecological crisis through the concepts of Massaud Moisés (2004), Osman Lins (1976), Borges Filho (2007) and António Candido (1976), some parallels between VanderMeer's ideas and the philosophy of Ailton Krenak (2021) – one of the most prominent Brazilian indigenous leaders in the struggle for environmental preservation – were inserted in the quest to emphasize the topicality and urgency of the subject.

**Keywords:** Ecological crisis. Comando Sul trilogy. Environmental dystopia. Jeff VanderMeer. Ecocriticism. New Weird.

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DNA	- <i>Deoxyribonucleic Acid</i>
Dr.	- Doutor
EUA	- Estados Unidos da América
IL	- Instituto de Letras
LGBTQIA	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Queer
+	
TEL	- Departamento de Teoria Literária e Literatura
p.	- Página
Prof.	- Professor
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	- Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 A ESTRANHA ESCRITA DE JEFF VANDERMEER</b>	<b>13</b>
<b>3 TRILOGIA <i>COMANDO SUL</i>: O AUGE DA ESTRANHEZA</b>	<b>15</b>
<b>4 CRIATURAS E LIVROS QUIMÉRICOS</b>	<b>18</b>
<b>5 CRISE AMBIENTAL: A DISTOPIA DO AGORA</b>	<b>20</b>
<b>6 ENTRE A DISTOPIA SOCIAL E A UTOPIA AMBIENTAL</b>	<b>24</b>
<b>7 LUZES, CÂMERA, ALIENAÇÃO!</b>	<b>27</b>
<b>8 A NATUREZA É PASSIVA OU AGRESSIVA?</b>	<b>29</b>
<b>9 ATIVISMO EPISTEMOLÓGICO EM FAVOR DA ECOLOGIA</b>	<b>35</b>
<b>10 O SACRIFÍCIO FINAL</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os efeitos da crise ecológica mundial fizeram com que a pauta da sustentabilidade, que conquistou notoriedade pública a partir da “Conferência de Estocolmo em 1972” (JACOBI, 1999, p. 175), penetrasse em discussões nas esferas política, econômica e midiática. Não obstante, a literatura se impõe como um campo inventivo capaz de refletir sobre tais problemáticas sociais. Com a modernidade, surgiram as histórias distópicas que, segundo Hilário (2013), expressam maneiras de a humanidade lidar com seus temores históricos, sejam relacionados à tecnologia, aos governos totalitários (ABE, 2021), ou, em enredos mais atuais, à catástrofe ambiental.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por finalidade estudar o projeto literário do autor anglófono de destaque na literatura ecocrítica Jeff VanderMeer. Esse escritor é o nome mais expressivo do subgênero *New Weird*, ou ficção do estranho em tradução livre, que mistura elementos do gênero fantástico, da ficção científica e do horror cósmico para tecer narrativas frenéticas e imaginativas. O objeto central de análise deste escrito acadêmico é a série de mais sucesso de VanderMeer, a trilogia *Comando Sul*, composta por *Aniquilação* (2014), *Autoridade* (2015) e *Aceitação* (2016). O primeiro volume, *Aniquilação* (2014), foi traduzido para mais de 35 idiomas, de modo que a edição brasileira foi publicada pela editora Intrínseca em 2014.

O eleito *best-seller* pelo jornal *New York Times*, além de ganhador do prêmio *Nebula* (destinado às ficções científicas e fantasias) e do *Shirley Jackson* (destinado aos livros de horror psicológico), apresenta a história de cientistas que penetram em uma área contaminada isolada pelo governo. Após mortes entre os membros da equipe, aparições de criaturas impossíveis e relatos de uma natureza intocada pela humanidade, o leitor acompanha a décima segunda expedição, na qual o penúltimo grupo de cientistas tenta desvendar os segredos guardados no local.

Para melhor entender o projeto crítico literário do artista de língua inglesa, este trabalho analisará, em uma primeira parte, aspectos bibliográficos do autor a fim de estabelecer conexões com suas obras. Também serão similarmente estudados universos ficcionais que o escritor elaborou em mais de um livro, com a finalidade de elencar as características predominantes de sua autoria. Durante o desenvolvimento desta monografia, procurar-se-á reconhecer a singularidade da produção de VanderMeer ao examinar a elaboração, na trilogia *Comando Sul*, de uma narrativa alegórica, de acordo com o dicionário

de termos literários de Massaud Moisés (2004), que usa do fantástico para confrontar o leitor com a real crise ecológica sem cair na panfletagem.

Outros recursos temáticos e estruturais aplicados pelo escritor para passar sua mensagem serão averiguados, dentre eles: o emprego calculado de elementos utópicos e distópicos, a construção dos espaços e ambientes ficcionais, conforme os conceitos de Osman Lins (1976) e Borges Filho (2007), a formação da personagem antagonista da trilogia, examinada por meio da análise interpretativa de trechos dos volumes que compõem a série, levando em consideração as ideias do crítico literário Antônio Candido *et al.* (1976) e, as divergências com roteiros hollywoodianos sobre distopias ambientais aclamados pelo público cinéfilo examinadas por meio de estudos comparativos. Na parte final, será evidenciada a proximidade entre as ideias de VanderMeer e a filosofia de um dos líderes indígenas brasileiros mais proeminentes na luta pela preservação ambiental, Ailton Krenak (2020).

Tal paralelo é relevante, pois as consequências da poluição industrial e do aquecimento global podem ser observadas em qualquer parte do planeta Terra. Contudo, o Brasil se encontra no centro dessas polêmicas, visto que “20% de toda a biodiversidade catalogada do planeta encontra-se em território brasileiro” (ALEXIM; LOPES, 2022, p. 77). Em suma, apurar-se-á as maneiras pelas quais esse novo subgênero literário se mostra inovador na abordagem da discussão sobre os problemas enfrentados pela contemporaneidade. O *New Weird* de Jeff VanderMeer será apontado como uma forma tão plural que permite o foco na pauta ambiental, mas sem deixar de englobar pautas sociais, tais como a diferença de recursos entre o Sul e o Norte global, diversidade sexual e de gênero, o protagonismo feminino e a diversidade étnica das Américas.

## 2 A ESTRANHA ESCRITA DE JEFF VANDERMEER

Jeff VanderMeer possui, no momento da produção deste escrito acadêmico, 54 anos de idade e acumula experiências como escritor e editor de literatura de língua inglesa. Cresceu em Fiji, arquipélago paradisíaco que engloba cerca de trezentas ilhas na Oceania. Fiji possui paisagens acidentadas que lembram cenários de suas obras, tais como falésias, chalés beira-mar ou até mesmo faróis. A intimidade do homem com paisagens litorâneas continuou: mudou-se para Flórida, famosa região dos Estados Unidos da América (EUA) por suas numerosas praias, influência cultural latino-americana (presente em muitos personagens de Jeff, como será abordado posteriormente) e por sua flora e fauna tropicais. Em entrevistas, o fijiano confessou que busca inspiração em suas experiências de caminhada em reservas de vida selvagem. Procura sempre estar próximo das criaturas não humanas por meio da manutenção de seu amado jardim. Chegou até a instalar câmeras noturnas para melhor observar as relações entre espécies, como a personagem principal de seu livro mais famoso, *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), faz e compartilha suas descobertas com os fãs por meio das redes sociais (VANDERMEER, 2022b; 2022d).

VanderMeer escolheu o subgênero literário *New Weird*, Novo Estranho ou ficção do estranho em tradução livre, para dar corpo às suas ideias. Aguiar e Taniguchi (2021, p. 110) pesquisaram as raízes dessa expressão artística e identificaram os principais elementos literários que compõem os livros do *New Weird*:

[...] o *New Weird*, como logo mais será debatido, surge no contexto da literatura anglófona – em especial no Reino Unido – no fim dos anos 1990 e começo dos anos 2000, e se propõe a ser um ponto de cruzamento das principais tendências contemporâneas do insólito. Além de misturar elementos da Fantasia, da Ficção Científica e do Horror, o gênero muitas vezes contém influências da Literatura Policial, do Surrealismo e até mesmo do Realismo Maravilhoso.

Em outras palavras, são livros distópicos que tratam de dilemas pós-modernos culturais e políticos. O foco dos enredos não é pensar sobre a solução dos problemas ou mistérios, mas sim meditar sobre as consequências e as posturas das personagens frente às adversidades (ROBERTSON, 2018). Eles partem de uma esfera urbana gradualmente salpicada por componentes de fantasia, ficção científica e horror. Para melhor elucidar como tal conceito se encaixa nas ficções criadas por VanderMeer, serão estudados superficialmente livros de dois universos ficcionais, juntamente com a análise mais aprofundada dos volumes da trilogia *Comando Sul*. São três os livros do autor que se passam na cidade fantástica de

*Ambergris: City of Saints and Madmen* (VANDERMEER, 2018a), *Shriek: An Afterworld: A Novel: 2* (VANDERMEER, 2022c) e *Finch: A Novel* (VANDERMEER, 2022a). Cada um apresenta uma perspectiva própria na construção da história de uma localidade na qual seres humanos da superfície se dividem entre o fanatismo religioso e comportamentos amorais e lascivos. Ao mesmo tempo, criaturas fúngicas proliferam no subterrâneo e ameaçam contaminar as pessoas e tomar o controle político da metrópole.

A obra de abertura é uma coleção de histórias interligadas somada à história das origens da cidade escrita pelo estudioso Duncan Finch, com comentários acadêmicos de intelectuais rivais da personagem em forma de notas de rodapé. Já a segunda obra é uma biografia de Duncan escrita por ele e sua irmã que destaca sua jornada contra o negacionismo impregnado na população. Um dos momentos mais marcantes do escrito é quando, durante um festival, as criaturas fúngicas confrontam os habitantes que preferem fechar os olhos a assumir a existência de tais seres. Por fim, no terceiro livro, o detetive John Finch protagoniza um romance policial ambientado em um futuro no qual os humanos são escravizados pelos fungos e usados na construção de torres cujo propósito segue oculto.

O segundo universo destacado pelos leitores e pela crítica é o conjunto de livros ambientados em um futuro pós apocalíptico no qual o mundo fora destruído pela Company, uma antiga empresa de biotecnologia que povoou inconsequentemente o território do planeta com seus experimentos oriundos da mistura de tecnologia e vida biológica. *Dead Astronauts: A Novel* (VANDERMEER, 2019), *The Third Bear* (VANDERMEER, 2010), *Strange Bird: A Borne Story* (VANDERMEER, 2018b) fazem parte desse recorte, contudo *Borne: A Novel* (2017) se sobressai por ser “a declaração política mais explícita do autor sobre as mudanças climáticas” (ROBERTSON, 2018, p. 66) (tradução nossa)<sup>1</sup>. Eleito um dos mais aclamados livros do ano de 2017 pelo *The Boston Globe*, *National Post* (Canadá), *The Los Angeles Times* e pelo *Financial Times*, o enredo expõe a jornada da catadora de lixo Rachel. Ela sobrevive em uma cidade perigosa destruída pela guerra e pela seca quando encontra e adota Borne, uma criatura híbrida entre uma anêmona e uma lula, que vai aos poucos aprendendo sobre o mundo.

---

<sup>1</sup> Do original: “[...] *the author’s most explicitly political statement on climate change*” (ROBERTSON, 2018, p. 66).

### 3 TRILOGIA *COMANDO SUL*: O AUGÉ DA ESTRANHEZA

Como acontece em *Ambergris: City of Saints and Madmen* (VANDERMEER, 2018a), o primeiro livro da trilogia *Comando Sul* introduz a ambientação. Em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), o leitor adentra a Área X, uma costa isolada dos Estados Unidos da América (EUA) envolta por criaturas inexplicáveis e misteriosos desaparecimentos. A versão oficial dada pelo governo é a de que ocorreu um desastre ecológico. Todavia, inúmeras expedições militares foram enviadas durante 30 anos de estudos e, entre relatos de uma natureza bela e intocada e de profissionais experientes que tiraram suas próprias vidas e a de seus companheiros como uma reação depois dos horrores que presenciaram, há um consenso velado de que o que quer que tenha contaminado aquele local não é proveniente deste planeta.

A obra consiste em um relato feito em primeira pessoa por uma bióloga integrante da décima segunda expedição. A missão do grupo feminino de cientistas (uma topógrafa, uma psicóloga, uma bióloga, uma linguista e uma antropóloga) é penetrar a fronteira feita de material desconhecido, colher amostras, evitar uma possível contaminação de seus corpos e monitorar umas às outras. Logo no começo da jornada, a personagem principal se aprofunda em um túnel repleto de palavras escritas com esporos. Ao inalar esses esporos, ela percebe que foi hipnotizada pela psicóloga para que não visse as criaturas bizarras criadas pelo local, como aquela responsável por redigir os vocábulos no subterrâneo.

Apesar de tentar parecer imparcial para que o leitor acredite em suas observações e para não perder sua credibilidade científica, a bióloga guarda um motivo pessoal para ter se voluntariado: seu marido passou pela fronteira na décima primeira expedição e voltou para a casa, por meios desconhecidos, como uma casca sem personalidade apenas para morrer de câncer seis meses depois. Ao procurar pistas sobre o que aconteceu com seu companheiro, a personagem principal é contaminada: conforme suas células originais morrem, elas vão sendo substituídas por imitações geradas pelo alienígena. O autor fijiano cria uma força capaz de mesclar o *Deoxyribonucleic Acid* (DNA) das várias formas de vida do planeta Terra e, assim, criar novas formas biológicas. Apesar disso, o que mais gera suspense no volume ganhador do Prêmio Nebula de Melhor Romance em 2014 e adaptado para um filme por Alex Garland não é a próxima criatura impensável que atacará a expedição, mas sim qual segredo cada uma das cientistas está escondendo.

A saga de John Rodriguez é narrada em *Autoridade* (VANDERMEER, 2015), segundo volume da trilogia. Apelidado de Controle, a personagem latino-americana vem de uma dinastia de militares que o manipulam desde a infância para seguir na carreira. Ao imitar a

vocação de seus antepassados, Controle é hipnotizado e escolhido para infiltrar-se no Comando Sul (instituição responsável pelo envio de expedições à Área X) e substituir a antiga diretora desaparecida. Uma vez instalado, John interroga as sobreviventes da décima segunda expedição e cria uma conexão com a cópia da bióloga feita pelo *alien*, mais saudável e livre de toxinas, nomeada como Ave Fantasma. Tal ligação desperta emoções que colocam em risco sua missão e abalam o poder que a instituição tinha sobre a sua pessoa.

O protagonista masculino é levado sob hipnose em uma missão assim como a bióloga fora em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), antes de passar pela fronteira da Área X: os esporos que despertaram a cientista no primeiro livro são equivalentes aos sentimentos românticos que a Ave Fantasma aflora no atual diretor do Comando Sul. A estudiosa enxerga a verdade pela linguagem que ela conhecia (a das plantas), já o militar ameaça cair no estereótipo de personagem latino emocional e apaixonado, se não tivesse uma forte camada de desenvolvimento psicológico e um assumido papel de liderança.

A narrativa do despertar de Rodriguez suprarreferida mostra-se alegórica: “quando se fala de alegoria, afirma-se que o conteúdo está nas entrelinhas, depende de interpretação. Alegoria é uma metáfora contínua, que é utilizada do início ao fim da história” (FACIROLI; RAMOS; IVAN, 2014, p. 10). O controle da realidade, simbolizado por John Rodriguez, passa da humanidade (manipulação familiar e hipnose no trabalho) para o alienígena (Ave Fantasma). Tal representação é evidenciada por outros aspectos da obra: todo artefato ou local referente à raça humana é corrompido e decomposto para dar lugar à natureza da Área X. O apodrecimento não se detém ao nível material. Há, similarmente, o desgaste moral provocado pelos cortes de verba destinada às pesquisas científicas, pela diminuição do número de pesquisadores com a redução de departamentos e pelo contínuo sacrifício de vidas e carreiras nas missões praticamente suicidas que os voluntários cumprem.

A própria posição de *Autoridade* (VANDERMEER, 2015) na trilogia (depois da apresentação da costa isolada dos EUA e antes da aceitação do domínio extraterrestre) indica que trata-se de um livro de transição, uma espécie de fronteira. É, com frequência, considerado o volume mais lento e repetitivo do conjunto. Todavia, a estrutura é justificada por ajustar-se à mente de John, um homem cujos pensamentos se fragmentam entre o presente e o passado, procurando um culpado para a situação na qual se encontra de maneira paranoica e insistente. A aposta de Controle é repetir o ritual até causar desgaste, ir aos mesmos lugares, falar com as mesmas pessoas, insistir em estudar pilhas de papel em busca de uma mísera pista. Sendo assim, a narração pula alguns capítulos no início devido aos lapsos de memória da personagem decorrentes da influência hipnótica.

O último exemplar, *Aceitação* (VANDERMEER, 2016), mescla múltiplas perspectivas, formando um mosaico que nunca se completa. A de maior destaque é a da trajetória do faroleiro, um ex-pastor que se muda para a costa e reconstrói sua vida ao lado do seu novo amor homossexual. Infelizmente, o local isolado atrai muitos tipos de fugitivos e seres que desejam um recomeço, inclusive os não provenientes da Terra. Contaminado por uma luz que julga ter vindo de uma ilha próxima ao farol, o responsável pela orientação dos barcos vai se transformando aos poucos na criatura que redige os mandamentos do *alien* com os esporos. A pluralidade de narradores e formas de narrativa propicia uma nova visita às cenas descritas ou mencionadas nos dois livros anteriores pela ótica de outras personagens. Um exemplo disso é o relato da cópia da diretora desaparecida no segundo volume, narrado em segunda pessoa para demonstrar o distanciamento da duplicada em relação às memórias da pessoa original.

#### 4 CRIATURAS E LIVROS QUIMÉRICOS

À vista desse conjunto de obras e da elucidação das características do subgênero escolhido por VanderMeer, pode-se elencar propriedades técnicas e temáticas que perpassam todo o seu projeto literário. Em universos desenvolvidos em mais de um livro, o artista anglófono constrói personagens complexas e misteriosas que são afetadas por situações sobrenaturais e perdem o controle de suas próprias trajetórias. Somado às dificuldades que as ambientações fantásticas proporcionam, há um elo sentimental entre as protagonistas e o caráter místico, fato que transmite esperança e certa adaptação do humano antes, durante ou depois de um evento apocalíptico. A ligação maternal entre a criatura metamorfa e a catadora de lixo em *Borne* (VANDERMEER, 2017), a preferência da bióloga pela Área X em detrimento das metrópoles humanas em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014) e a obsessão doentia de Duncan Finch com os seres fúngicos do subterrâneo em *Shriek: An Afterworld: A Novel: 2* (VANDERMEER, 2022c) são exemplos desses elos sentimentais.

Ainda sobre a construção das personagens, o autor emprega a diversidade étnico racial potencializada pela miscigenação nas Américas, além de servir-se de um subtexto colonial, como na tomada de *Ambergris* e na escravização dos humanos em *Finch: A Novel* (VANDERMEER, 2022a) ou no foco em descendentes dos nativos americanos e latino-americanos na trilogia *Comando Sul*. As personagens mulheres e as da comunidade LGBTQIA+<sup>2</sup> vão para além de preencher uma cota contemporânea superficial, são densas, possuem iniciativa e guiam as narrativas. Outros papéis são ocupados por personalidades situadas entre o não-humano, o humano e a paisagem, podendo contribuir para os enredos na forma de antagonista, como o caso da trilogia *Comando Sul* que será explicitado posteriormente, na configuração de um co protagonista (como a criatura Borne, adotada pela catadora de lixo) ou ainda na figura de um vilão. Sendo assim, o que é tido como objeto de estudo pela tradição científica ocidental se transforma, pelas mãos do anglófono, em um observador das características humanas.

Para confeccionar tais criaturas, VanderMeer se baseia em conceitos já existentes das ciências biológicas, adicionando uma camada sobrenatural no processo. Durante os acontecimentos passados na costa isolada dos EUA, a bióloga percebe que há um tipo de relação simbiótica entre os humanos e a macro entidade biológica que constitui a Área X. Tal tipo de relação está presente no mundo animal, quando espécies divergentes decidem se unir

---

<sup>2</sup> Acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer, com um sinal “+” para reconhecer as orientações sexuais ilimitadas e identidades de gênero usadas pelos membros dessa comunidade.

pela sobrevivência, mesmo que alguma delas saia prejudicada do acordo (POUYU-ROJAS; SIQUEIRA; SANTOS, 2006). Outro princípio igualmente presente ao longo do enredo é o da reciclagem da matéria, que coloca o reaproveitamento de matéria orgânica como um pilar para a confecção de novas formas de vida. O último princípio funciona tanto em escala microscópica (fungos e bactérias responsáveis por decompor a matéria orgânica e liberar nutrientes aproveitados por outros seres) quanto em escala cósmica (a morte de galáxias como matéria prima na construção de novas estrelas e planetas). Em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), células humanas são recicladas e encontradas pela cientista em lodos e amostras de tecido de uma raposa.

Quanto ao enredo de seus escritos, o fijiano utiliza o espaço literário para refletir sobre questões culturais pós-modernas geradas pelo impacto do capitalismo tardio. São exemplos de pautas contemporâneas contempladas pelo autor: a poluição das indústrias no meio ambiente e no corpo humano (trilogia *Comando Sul*), o negacionismo científico da população (os cidadãos de *Ambergris*) e a destruição da sustentabilidade pela ganância das corporações multinacionais (como a empresa de biotecnologia Company no universo de *Borne: A Novel* (VANDERMEER, 2017)).

Em relação ao caráter estrutural, as obras do autor anglófono mostram-se tão quiméricas quanto suas criaturas e protagonistas. Valendo-se de uma escrita onírica repleta de binômios fantásticos, VanderMeer mescla gêneros literários de um volume para o outro, ou até mesmo de um capítulo para o outro. Os gêneros mais recorrentes em seu projeto literário são os romances policiais, o horror cósmico, a ficção gótica e a ficção científica. Vale similarmente ressaltar o emprego de descrições ricas como recurso imersivo, contribuindo para a verossimilhança de suas ficções inventivas e para a manutenção da atenção do leitor que se aventura em livros não facilmente categorizáveis.

## 5 CRISE AMBIENTAL: A DISTOPIA DO AGORA

Embora o colapso ambiental seja amplamente debatido nas esferas de poder internacionais e protagonize pautas veiculadas pela grande mídia, ainda há desinformação sobre suas causas e falta de compreensão acerca da vasta dimensão de seus impactos na vida humana. Com o fito de contribuir para a visualização das sequelas da crise ecossistêmica, esta monografia valer-se-á do conceito de Antropoceno, nomeação referente, como apontam Jerončić e Willems (2018), à época contemporânea e difundida por Paul Crutzen, químico vencedor do Prêmio Nobel. Por mais que o marco do período em questão seja a liberação de uma enorme quantidade de dióxido de carbono pela indústria em meados de 1800, a dupla reitera a impossibilidade de considerar tal data como seu começo.

Os pensadores propõem que as primeiras relações antropogênicas surgiram durante o renascimento europeu, com o surgimento do domínio colonial capitalista e do estabelecimento da lógica mercantil que enxerga a natureza como provedora de capital. Diferentemente da realidade, a ficção de VanderMeer idealiza um ecossistema imune à capacidade de conhecimento e devastação da humanidade. A Área X subverte a lógica exploratória, base do recente domínio humano sobre as forças naturais, ao usar as células das personagens como matéria prima para a construção de novas formas de vida, e ao preservar seu disfarce imitando células conhecidas apenas quando os cientistas observam as amostras extraterrestres com o microscópio.

Ao voltar à real vivência terrestre, há um consenso da comunidade científica de que as modificações antropogênicas na atmosfera, além de estarem aumentando em um ritmo extraordinariamente acelerado, estão diretamente relacionadas com o aquecimento global. Sendo assim, “Crutzen defende o uso do termo Antropoceno para nomear “a época atual em que os humanos e nossas sociedades se tornaram uma força geofísica global” (*apud* JERONČIĆ; WILLEMS, 2018, p. 6) (tradução nossa)<sup>3</sup>. Bem como pelo fator climático que será desenvolvido posteriormente, a humanidade pode ser igualmente considerada uma força geológica na atualidade pela criação de uma camada própria na crosta da Terra. De acordo com o crítico literário Timothy Morton: “O Antropoceno é o nome dado a um período em que coisas feitas pelo homem criaram uma camada na crosta terrestre: todos os tipos de plásticos, concretos e nucleotídeos, por exemplo, formaram um estrato discreto e óbvio” (*apud* COBY,

---

<sup>3</sup> Do original: “Crutzen develops this term in order to name “the current epoch in which humans and our societies have become a global geophysical force” (*apud* JERONČIĆ; WILLEMS, 2018, p. 6).

2020, p. 15) (tradução nossa)<sup>4</sup>. Na trilogia *Comando Sul*, nota-se que esta é outra lógica alterada por VanderMeer: no lugar da criação de um revestimento planetário não-natural, há a retirada de toda e qualquer toxina e construção humana nociva da face da Terra.

De retorno à questão climática concreta, Marques (2022) afirma que a emissão de gases de efeito estufa e o desmatamento estão aumentando a velocidade do aquecimento da Terra por vias não-naturais. Como as mobilizações e alertas emitidos por cientistas foram e estão sendo preteridos, a temperatura do planeta continuará subindo e causará mortes por desidratação ou insolação. Marques elucida que as ondas de calor afetam inclusive corpos saudáveis, podendo causar doenças, tais como câncer de pele ou cataratas. Em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), a bióloga recebe treinamento militar para acostumar seu corpo às mudanças drásticas e repentinas de temperatura, situações que acontecem com frequência na Área X. Retomando a verdadeira crise ambiental, outro efeito desolador do aquecimento é o derretimento irreversível das calotas polares e, por consequência, o aumento do nível das águas.

Tudo o que é possível fazer agora é desacelerar ao máximo esse processo, de modo a aumentar as chances de adaptação, antes que essa elevação inevitável do nível do mar salinize deltas e aquíferos, destrua as praias e, em geral, os ecossistemas costeiros, torne inabitável muitas cidades e ameace as usinas nucleares (MARQUES, 2022, p. 4).

A segunda fonte massiva de emissão de gases de efeito estufa supramencionada, o desmatamento das florestas, será exemplificada pelo recorte nacional da situação da floresta amazônica. FEARNSSIDE (2020) pesquisou a história, as causas e as consequências dessa destruição ecológica em território brasileiro. De acordo com seus estudos, a exploração colonial europeia iniciou a desarborização. Paralelamente, em *Aceitação* (VANDERMEER, 2016), o leitor é confrontado com o subtexto colonial inserido pelo autor anglófono: antes da invasão alienígena, a costa norte americana resistiu à vinda dos imperialistas europeus e à implementação de sucessivas indústrias que desmataram florestas e poluíram rios próximos à Área X. Ademais, nesse livro ocorre o desenvolvimento de personagens de origem indígena, como o faroleiro e a ex-diretora do Comando Sul.

De regresso aos problemas enfrentados pelas sociedades pós-modernas, nos séculos XX e XXI, a desflorestação é causada pela pecuária em fazendas de tamanho médio ou grande, “responsáveis por cerca de 70% das atividades de desmatamento” (FEARNSSIDE,

---

<sup>4</sup> Do original: “*The Anthropocene is the name given to a geological period in which human-made stuff has created a layer in Earth’s crust: all kinds of plastics, concretes and nucleotides, for example, have formed a discrete and obvious stratum*” (apud COBY, 2020, p. 15).

2020, p. 8), e conta com incentivos fiscais, infraestrutura de transporte (como rodovias) e falta de rigor nas punições. Incêndios e derrubadas de mata são métodos que, segundo o texto supracitado, causam a diminuição de nutrientes do solo, desertificação e desordem na distribuição de precipitações ao redor do globo. Tais decorrências geram efeitos cascata com relação à piora do rendimento da produção agrícola, à redução da biodiversidade e à ameaça da subsistência de comunidades ribeirinhas e de povos nativos.

O caso da Amazônia brasileira é crucial para entender como o meio ambiente depende de políticas nacionais para solucionar problemas que não se contém com as fronteiras criadas pela humanidade. Como explicitado previamente, a queima da maior floresta tropical do mundo resulta na má disposição pluviométrica entre os territórios. Já em *Autoridade* (VANDERMEER, 2015), as personagens creem que a contaminação está contida por uma fronteira cintilante que demarca o que é propriedade da Área X e o que está sob controle militar. Do lado humano, a divisa é protegida por postos de fiscalização, valas, cercas e muros. Tais proteções não impedem que a Área X adentre na parte aparentemente não-contaminada por vias aéreas (a migração sazonal dos pássaros), vias subterrâneas (a conexão entre os lençóis freáticos) ou pela elaboração de cópias de criaturas humanas e não-humanas.

Portanto, no efetivo cenário mundial, a política de sustentabilidade ambiental deve “transcender a esfera dos Estados-nações” (KRÜGER, 2001, p. 43) e levar em consideração a disparidade de recursos e poder entre o Norte e o Sul global. Hodiernamente, a discussão ecológica internacional perpassa a distribuição da diversidade da vida fora da água, como transcrito anteriormente: “20% de toda a biodiversidade catalogada do planeta encontra-se em território brasileiro” (ALEXIM; LOPES, 2022, p. 77), sendo que o resultado das pesquisas na área é “manipulado, patenteado e comercializado por empresas farmacêuticas e cosméticas dos países do eixo Norte, sem a devida repartição dos benefícios” (ALEXIM; LOPES, 2022, p. 79).

Tal disparidade foi construída historicamente com “a monocultura do conhecimento válido” (SANTOS, 2018, p. 47) (tradução nossa)<sup>5</sup>, que, como aponta Grosfoguel (2016), consiste na validação do conhecimento produzido por homens ocidentais de etnia branca em detrimento do produzido por mulheres (bruxas queimadas por sua sabedoria relacionada ao uso de plantas), por indígenas americanos e aborígenes asiáticos (durante e após a expansão marítima imperialista), por judeus e muçulmanos (durante a conquista territorial de parte da Espanha pela monarquia cristã) e por africanos (durante a dispersão populacional forçada e a

---

<sup>5</sup> Do original: “[...] *la monocultura del conocimiento válido*” (SANTOS, 2018, p. 47).

escravização). Outro pilar da suposta autoridade epistêmica do hemisfério Norte é o mito da imparcialidade do sujeito cristalizado como pesquisador diante do objeto de estudo (a natureza e os diversos povos e culturas para além da Europa Ocidental e Estados Unidos da América – EUA).

A divisão de “sujeito-objeto”, a “objetividade” – entendida como “neutralidade” –, o mito de um “Ego” que produz conhecimento “imparcial”, não condicionados por seu corpo ou localização no espaço, a ideia de conhecimento como produto de um monólogo interior, sem laços sociais com outros seres humanos e a universalidade entendida como algo além de qualquer particularidade continuam sendo os critérios utilizados para a validação do conhecimento das disciplinas nas universidades ocidentalizadas (GROSFOGUEL, 2016, p. 30).

No volume de estreia do conjunto literário destacado, a objetividade científica do relato da bióloga é colocada em questão à medida que ela se mostra uma narradora não confiável ao destacar acontecimentos externos em detrimento da exposição das mudanças em seu próprio corpo infectado; sendo esta a última fronteira violada tanto na ficção como na realidade. No romance, os limites do corpo dos indivíduos são transpostos pela inalação de esporos extraterrestres (no caso da bióloga) e pelo contato com pessoas e ambientes contaminados (no caso de Controle).

A existência concreta mostra-se tão desanimadora quanto o conteúdo dos livros: os nanoplásticos, “provenientes da quebra de grandes detritos plásticos” (CAIXETA; CAIXETA; MENEZES FILHO, 2018, p. 23), podem contaminar pessoas, segundo Horton e Prata, por “vias aéreas, contato com produtos de uso pessoal, consumo de alimentos e água, provocando danos diretos ou indiretos na homeostase do organismo” (*apud* CAIXETA; CAIXETA; MENEZES FILHO, 2018, p. 21). Casos de efeitos toxicológicos causados por nanoplásticos devem aumentar em um futuro próximo, visto que uma enorme quantidade do material não é reciclado e é jogado nos oceanos, local no qual se decompõem e adentram organismos consumidos por seres humanos, tais como peixes, algas e crustáceos.

## 6 ENTRE A DISTOPIA SOCIAL E A UTOPIA AMBIENTAL

Dado que as obras *New Weird* analisadas por este trabalho constituem livros distópicos, em primeiro plano, há de se conceituar o que significa distopia e utopia. As utopias “são representações de cidades ou lugares ideais” (ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 282) que surgiram em forma escrita “nos séculos XVI e XVII, no Renascimento” (ABE, 2021, p. 8). Tais localidades são organizadas “de acordo com um princípio radicalmente diferente que o da comunidade do autor” (SUVIN, 2015, p. 468) que as descreve. Isso acontece para maravilhar o leitor com a idealização de “mundo feliz e racional” (BERRIEL, 2005, p. 6) guiado por normas da “tradição religiosa judaico-cristã e da mitologia grega” (ABE, 2021, p. 9). Embora tenha o plano de fundo pautado em culturas clássicas europeias, as cidades ideais só podem ser construídas “com a incidência de natureza milagrosa” (ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 284). Em outras palavras, para que alcancem a perfeição, elas não podem ser criadas ou habitadas por pessoas falhas, pois a “presença humana desequilibra e borra o conjunto” (BERRIEL, 2005, p. 7).

Essa comunidade irrealizável tem que surgir em um espaço separado da realidade cotidiana, como países ainda não explorados ou ilhas distantes. É a partir do conceito utópico que surge a distopia, a representação de um futuro no qual a racionalidade não leva ao maravilhamento da perfeição social, mas sim à destruição da própria humanidade. Tal arruinamento é interno devido à perda da expectativa de melhora e ao sentimento de impotência descrito por pensadores como “Locke e Descartes” (ABE, 2021, p. 12). A aniquilação dos ideais de justiça e esperança e a consequente desumanização também têm raízes fincadas na história, com a ascensão de governos totalitários devido à “vitória da barbárie em um dos mais antigos centros culturais do mundo – a Alemanha” (ABE, 2021, p. 15). O objetivo desses recursos literários e políticos é confrontar o leitor com “problemas socioculturais presentes na obra” (ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 295). À vista desse compilado de conceitos, a trilogia *Comando Sul* deve ser considerada uma antiutopia que procura provocar reflexões sobre a devastação ambiental, como será exemplificado pela análise deste trecho de *Aceitação* (VANDERMEER, 2016, p. 62):

— Você é real? — pergunta você, mas ele não responde nada.

Estendendo a mão, uma mão trêmula, na direção dele, atônita com essa aparição, querendo saber que textura tem aquela pele, com medo de que seu toque possa reduzi-lo a pó. Seus dedos roçam a testa dele, que tem uma superfície áspera e úmida, como a de uma lixa embaixo de uma camada espessa de água.

— Você se lembra de mim?

— Você não devia estar aqui — retruca Saul Evans em voz muito baixa. Seus olhos estão fechados; ele não pode vê-la, e, no entanto, você sabe que ele a enxerga. — É melhor sair de cima dessas rochas. A maré está subindo.

Na cena exposta, a ex-diretora da instituição responsável pelo envio das expedições encontra o faroleiro contaminado quando este está em pausa de sua atividade de escrita com esporos. O homem possui um aspecto mesclado entre a paisagem (interior de um túnel) e o humano. Ele até conseguiu reter algumas memórias de seu eu anterior à infecção, mas são lembranças difusas e desconectadas da nova realidade. Segundo Baidur (2021), a ficção Jeffriana explora medos comuns destacados na literatura de horror cósmico, dentre eles a ansiedade de deslocamento (do mundo não contaminado para a Área X), falta de controle da natureza, falta de habilidade para adquirir o conhecimento e desconforto em zonas de transição (falta de estabilidade). O temor evidenciado pela passagem supramencionada é o “eco medo que surge da possibilidade real de ser um com a natureza de uma forma experiencial – um medo de auto-abnegação” (BAINDUR, 2021, p. 15) (tradução nossa)<sup>6</sup>.

Essa desumanização constitui uma forte característica antiutópica por dois motivos. O primeiro é o poder de uma liderança externa (representada geralmente por um governo totalitário e, no caso dos livros estudados neste escrito, pela própria zona infectada) que é internalizado pela consciência dos integrantes do regime (JERONČIĆ; WILLEMS, 2018). Se este líder julgar que a personagem não cumpre os requisitos para o trabalho designado para ela, a mesma pode ser descartada. Nas ficções de VanderMeer, esse princípio distópico marca presença com a compatibilidade: o faroleiro abandonou sua vida como pastor para viver sua sexualidade afastado de tudo o que era comum para ele, enquanto o extraterrestre que o contamina só consegue se infiltrar bem no homem pois compartilha uma trajetória de fuga e recomeço em um território estranho. O segundo motivo é o fato de o ser humano ser usado como objeto (na situação supradescrita, como uma caneta) e ainda manter alguma parte de sua consciência (na sintaxe dos mandamentos e em algumas lembranças).

Contudo, tal desindividualização não é exclusiva do mundo secundário de *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014). O universo primário (ROBERTSON, 2018), ou seja, o lado da fronteira que ainda não foi invadido pela entidade cósmica, pode ser similarmente considerado uma distopia pelo abandono do “eu” em prol do trabalho, como no caso dos militares que sacrificaram suas vidas pessoais na gestão da instituição governamental. O primário também possui caráter distópico por toda a destruição da vida selvagem e pela

---

<sup>6</sup> Do original: “[...] *eco fear that arises from the actual possibility of being one with nature in an experiential way – a fear of self-abnegation*” (BAINDUR, 2021, p. 15).

manutenção do sistema exploratório por meio da negação científica. Em suma, os protagonistas saem de uma distopia para entrar em outra. É relevante destacar que a antiutopia do mundo secundário (o fantástico) é diferente da do primário, pois o autor inseriu elementos utópicos na primeiramente citada. “Para Platão, a formação de cidade ideal deveria passar pela razão, tendo um governante de grande conhecimento, superior aos demais cidadãos” (ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 284), situação semelhante à da entidade espacial que sabe mesclar *Deoxyribonucleic Acid* (DNA) de todas as criaturas existentes, habilidade que foge à capacidade do homo sapiens. A entidade também manipula e materializa construções sem a interferência das pessoas, tais como o túnel de esporos e a fronteira.

Além do mais, essa utopia ambiental tem seu começo situado em uma ilha, espaço distante da vida cotidiana. Durante o alastramento do domínio alienígena pelo planeta, desenrola-se o que pode ser considerado como o final dos tempos representado por um messias (o próprio *alien*), acontecimento comum em projeções utópicas, “assim como no cristianismo e na mitologia grega” (ABE, 2021, p. 13). A bióloga, já no volume inicial da série, percebe que não tem forças para lutar contra as mutações em seu corpo e nem possui o desejo de estragar os planos da zona costeira. Conforme se segue, a personagem se encaixa no perfil de protagonista de narrativas utópicas:

[...] ao longo percurso permite ao narrador deixar atrás de si a sua própria experiência social, política, religiosa e econômica para viver em um mundo cujo isolamento geográfico, e consequentemente histórico e cultural, criou instituições e costumes que nada têm em comum com a realidade originária do viajante (BERRIEL, 2005, p. 5).

Não há garantia alguma de que uma parte da humanidade das personalidades da trilogia vá ser preservada na Área X. Isso significa que a única maneira de isso acontecer é “a esperança da aprovação divina” (ALMEIDA; SILVA, 2021, p. 285), outra propriedade das cidades idealizadas. Tais elementos inseridos no mundo secundário por VanderMeer referenciam o imaginário coletivo ocidental sobre utopias, o que provoca a validação dos resultados de reflorestação e limpeza obtidos pelo extraterrestre, mesmo que este se valha de metodologias distópicas.

## 7 LUZES, CÂMERA, ALIENAÇÃO!

Netto e Colacios (2021) se propuseram a estudar a antiutopia ambiental nas produções cinematográficas hollywoodianas do século XXI. Para isso, abordam o histórico deste tipo de arte na indústria ao elencar os “enredos de ficção científica (FC) a partir dos anos 1990, quando é possível observar a presença da crise ambiental planetária como uma nova narrativa distópica” (NETTO; COLACIOS, 2021, p. 68). Os estudiosos, após a consolidação do marco inicial dessas películas, fizeram um recorte com três filmes da temática: “*2012* (2009), *Elysium* (2013) e *Interestelar* (2014)” (NETTO; COLACIOS, 2021, p. 69).

Em relação ao cataclisma, na produção *2012* (2009), o governo ficou encarregado de construir arcas, mas estas não têm espaço para comportar todos os indivíduos. No filme *Interestelar* (2014), um grupo seletivo de astronautas atravessa o espaço em busca de um novo planeta com condições mais favoráveis para a sobrevivência. Já em *Elysium* (2013), a utopia tecnológica existe, porém está restrita ao uso das elites que vivem em uma estação suspensa perto da Terra. O trio de longas possui algumas características em comum:

Em todos os três filmes, a solução passa pela revisão do uso da tecnologia, da ciência e do cientista: ou seja, não mais função do capital (responsável pela degradação do planeta), mas de uma ciência que possa ser colocada na função social de servir à humanidade, e não de aumentar os lucros. (NETTO; COLACIOS, 2021, p. 77).

Em vista desse compilado de roteiros, infere-se a existência da crença de que toda mazela social ampliada pela alteração do clima será resolvida com o desenvolvimento de tecnologia. *A priori*, o erro do sistema capitalista seria não compartilhar essas soluções quase mágicas com quem não faz parte da elite. A partir do mesmo recorte feito pelos estudiosos, é possível destacar outro tipo de paralelo entre as obras escolhidas: a caracterização das personagens principais e secundárias. Todas as histórias são guiadas por um protagonista masculino de etnia branca, mesmo que o de *Elysium* (2013) fale espanhol como segunda língua.

Esses homens procuram a própria salvação, a de suas famílias e a de pessoas próximas. O drama é inserido pela possível morte de uma criança pequena do sexo feminino, de tal forma que em *Interestelar* (2014) e *2012* (2009) a menor é a filha do protagonista. Os coadjuvantes na jornada são compostos por perfis de pessoas negras, latinas, indianas e brancas. *Elysium* (2013) chega até a contratar atores brasileiros renomados para representar papéis de imigrantes de língua materna espanhola em busca da validação de cidadania na

estação suspensa. Sendo assim, a luta pelo compartilhamento de recursos e dados cabe à um pequeno grupo formado, em maioria, por homens brancos anglófonos.

Certas propriedades da ficção de Jeff VanderMeer e da de Hollywood são contrastantes. O fato de o governo agir secretamente com a construção de arcas em *2012* (2009) para remediar um cataclisma que foi ocultado propositalmente da população é tido como um trunfo. Na trilogia *Comando Sul*, dentre os fatores responsáveis pela derrocada das instituições militares que divulgaram a Área X como um desastre ambiental convencional estão justamente os segredos que as pessoas escondem umas das outras. Tanto em *2012* (2009) como em *Elysium* (2013) existe um subtexto quase religioso que prega a salvação de um grupo seletivo de indivíduos pelos milagres da evolução tecnológica.

A fantasia Jeffriana mostra-se um pouco mais cética ao relatar que a zona contaminada deteriora todo o aparato antropocentrista e suprime toda esperança da continuidade da raça humana como a conhecemos. Logo, conclui-se que, para essas pérolas de Hollywood, é mais fácil abandonar o local dos ancestrais da nossa espécie do que sacrificar a lógica desenvolvimentista que está poluindo os ecossistemas (FERREIRA, 2020). As películas passam a noção de que uma utopia civilizacional pode ser construída à custa de séculos de desigualdade e sofrimento.

VanderMeer vai na contramão dos ideais supramencionados, mas não cai no fatalismo comumente associado às distopias. “Enquanto a ficção preditiva e os romances distópicos às vezes retratam a natureza como um vilão e apoiam a criação da ecofobia (Estok, “Painful Material Realities, Tragedy, Ecophobia”, 133), os romances da trilogia *Comando Sul*” (BAINBUR, 2021, p. 22) (tradução nossa)<sup>7</sup> possuem o efeito oposto de defender a readaptação do humano na natureza. O último volume, *Aceitação* (VANDERMEER, 2016), termina com uma carta da ex-diretora para o faroleiro, na qual ela admite sua impotência em relação aos acontecimentos e agradece pelos bons momentos compartilhados por ambos.

O desfecho, protagonizado por dois descendentes de povos ameríndios, dialoga com a escolha narrativa do gênero *New Weird* que prefere dar ênfase às consequências dos eventos sobrenaturais em detrimento da especificação de suas razões. Ademais, a trilogia preza por uma conclusão sombria ao cultivar o questionamento dos usos duvidosos da tecnologia e ao valorizar os afetos cotidianos no lugar de alguma salvação épica. Ainda assim, a série de

---

<sup>7</sup> Do original: “While predictive fiction and dystopian novels sometimes portray nature as a villain and support the creation of ecophobia (Estok, “Painful Material Realities, Tragedy, Ecophobia,” 133)” (BAINBUR, 2021, p. 22).

livros termina com um posicionamento otimista, “o final dá uma certeza de que haverá futuro. Pode até ser um futuro horrível, mas haverá um futuro” (SANTOS, 2020, p. 246).

## **8 A NATUREZA É PASSIVA OU AGRESSIVA?**

Primeiramente, é de suma importância que se faça a diferenciação entre os conceitos literários de cenário, ambientação e ambiente. Segundo o renomado escritor Osman Lins (1976, p. 108), a ambientação é “como um processo inerente à arte narrativa, visando a resultados de natureza ficcional”. Em outras palavras, os autores de literatura trabalham na descrição do cenário de acordo com sua pretensão discursiva, atividade que cria a ambientação. Já o cenário é simples e objetivo, sem a visão de mundo da personagem ou quaisquer analogias (psicológicas, sociais, ideológicas...). No momento no qual os elos implícitos na trama começam a ser traçados (quando o ponto de vista dos principais ou secundários está exposto pelo escritor com o uso do espaço), o ambiente surge.

Estabelecida esta distinção, constata-se que a Área X se difere das localidades humanas presentes na trilogia *Comando Sul*. A divergência de caráter mais óbvio é o fator fantástico adicionado à costa pela chegada da entidade biológica extraterrestre. As zonas não ou pouco contaminadas são caóticas e poluídas, o que acaba por afugentar e prejudicar animais e plantas que tentam sobreviver ao egocentrismo antropocêntrico característico da contemporaneidade. No que tange à área contaminada pelo *alien*, o equilíbrio ecológico é restaurado e utilizado como base para experimentos com novas formas de vida. Além do mais, o poder cósmico causa mutações nos seres já existentes com mais velocidade na costa do que no lado militar da fronteira, onde as pessoas ainda insistem em decodificar os segredos que o litoral em questão guarda.

Feita uma análise literária mais aprofundada, nota-se que a arquitetura dos espaços humanos (cidades, casas e até o prédio do Comando Sul) dialoga com a cosmopercepção das personagens que a frequentam. Como exemplificado anteriormente, em *Autoridade* (2015), a estrutura do Comando vai apodrecendo paralelamente à diminuição do moral dos cientistas que sacrificaram suas carreiras para estudar um ser que não tem a intenção de ser estudado. Um exemplo aditivo é a descrição da casa da ex-diretora desaparecida: “Havia portas demais para uma casa tão pequena, como se a diretora ou a Central pretendesse conter alguma coisa, ou quase como se ele estivesse caminhando pelos diversos compartimentos do cérebro da diretora” (VANDERMEER, 2015, p. 288).

Na cena supracitada, Controle busca pistas sobre o paradeiro de sua antecessora na residência da mulher. Após passar dias analisando anotações deixadas pela figura sumida, o

militar equipara o lar da ex-diretora com o seu modo de pensar. Tanto a construção de pensamentos como a de uma residência misturam a vida pessoal com o trabalho na instituição governamental e são organizadas para esconder segredos dos olhos de curiosos. À esta analogia entre o ambiente no qual a personagem está e o seus sentimentos, Borges Filho dá o nome de “espaço homólogo” (BORGES FILHO, 2007, p. 40).

Se as regiões de natureza terrestre são moldadas de acordo com a psique das personagens, seria coerente supor que a Área X iria na direção contrária e elaboraria pontos no mapa global que contrastariam com o âmago das personalidades humanas, os conceituados espaços heterólogos (BORGES FILHO, 2007). Porém, como a área em pauta não considera o ser humano como o centro do universo, ela não se limita à construção de localizações que sirvam apenas para a passagem das narrativas dos protagonistas. A costa abandonada vai além: a paisagem se comunica com os cientistas e militares, guia o enredo e elabora estratégias para alcançar seus objetivos, por mais incompreensíveis que sejam para os voluntários das expedições. O trecho a seguir, retirado de *Aniquilação* (VANDERMEER, 2018, p. 29), relata o momento de contato entre a bióloga e as palavras escritas com esporos:

— Alguma espécie de fungo — falei, por fim, respirando fundo para manter a voz sob controle. — As letras são feitas de esporocarpos. — Quem poderia dizer se era verdade? Era apenas a coisa mais próxima de uma resposta.

Minha voz deve ter parecido mais calma do que meus pensamentos, porque não houve hesitação na reação delas. No seu tom de voz não havia nenhum indício de que tivessem visto esporos explodindo de encontro ao meu rosto. Eu estava tão próxima. Os esporos eram tão minúsculos, tão insignificantes. Eu trarei as sementes dos mortos.

— Palavras? Feitas de fungos? — disse a topógrafa, ecoando estupidamente o que eu dissera.

— Não há registro de nenhuma linguagem humana que use esse método de escrita — disse a antropóloga. — Existe algum animal que se comunique dessa forma? Tive que dar uma risada.

— Não, não há nenhum animal que se comunique assim. — Ou, se havia, eu não consegui lembrar seu nome naquele momento, e nem mais tarde.

O texto de esporocarpos redigido pelo faroleiro contaminado é uma descrição das ações dominantes da Área X com uma sintaxe proveniente da experiência do homem como ex-pastor. A movimentação da cientista cria flutuações no ar que fazem com que os fungos eclodam e liberem partículas contaminadas. Porém, em uma situação na qual as pesquisadoras da expedição não teriam contato prévio com as palavras vivas, o faroleiro terminaria de escrever seu sermão e, só então, os esporos seriam liberados na atmosfera para difundir a vontade do alienígena de contaminar a população local e, posteriormente, a mundial. Tal

imagem remete à ética colonial empregada na disseminação dos dogmas cristãos entre as nações durante o expansionismo europeu.

No Sermão da Sexagésima, o padre Antônio Vieira (1998) estabeleceu uma comparação entre sementes e os mandamentos do Deus católico. O religioso reflete que as vontades do todo poderoso devem ser plantadas nos corações dos fiéis pelos semeadores do evangelho (padres): “Diz Cristo que «saiu o pregador evangélico a semear» a palavra divina” (VIEIRA, 1998, p. 1). Isso implica que a doutrina espiritual seria a mesma, mas resultaria em práticas divergentes de acordo com a personalidade e índole de cada fiel, ou seja, conforme o solo no qual as sementes fossem plantadas: “O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens” (VIEIRA, 1998, p. 2).

No primeiro volume da trilogia de gênero *New Weird*, tal parábola bíblica do semeador fora transmitida de maneira mais literal, contudo o princípio continua o mesmo. Os esporos, oriundos dos desejos do *alien*, são inalados pela humanidade e as mutações afloram em congruência com a individualidade de cada um. Ainda no tocante ao diálogo com o Cristianismo, em um nível amplo, pode-se montar um macro paralelo entre a futura dispersão ficcional da contaminação pelo globo e as traduções reais da Bíblia Sagrada. Tal obra sacrossanta que em sua “totalidade ou em partes substanciais (pelo menos, um livro completo), está hoje traduzida para mais de 2426 línguas diferentes, das aproximadamente 6500 que se estima existirem no mundo” (VAZ, 2014, p. 103). Seus princípios são culturalmente adaptados de acordo com os estados nacionais e as inúmeras vertentes devotas e práticas sociais.

A segunda forma de comunicação eficaz empregada pelo extraterrestre é a revelação de sua origem e intenções através de um sonho profético. Em sua obra intitulada *O Oráculo da Noite: a história e a ciência do sonho* (2019), o pós-doutor em neurofisiologia Sidarta Ribeiro explora o caráter histórico e os processos biológicos dos sonhos. Quanto ao âmbito cultural existe, desde a idade do bronze, passando pela Bíblia e pelo Corão, a tradição da “obtenção em sonho de autorização divina para justificar atos na realidade” (RIBEIRO, 2019, p. 22). Ele ainda ressalta igualmente as inúmeras funções psicobiológicas do sono, tais como a “desintoxicação do cérebro” (RIBEIRO, 2019, p. 141) e o “esquecimento seletivo de conteúdos” (RIBEIRO, 2019, p. 179). Diante desse compilado de conceitos, é cabível tirar algumas conclusões a respeito do sonho experienciado por Saul, o faroleiro:

Os oceanos estavam cobertos por um cemitério de lixo e de cada poluente que já fora largado sobre o mundo natural. Guerras pela disputa de recursos escassos transformaram países inteiros em nada mais do que desertos de morte e sofrimento.

[...]

No meio daquela paisagem apareceu também Henry, erguendo-se na porta do farol, com um sorriso beatífico que foi se alargando até ultrapassar os cantos de sua mandíbula. Palavras brotavam dele, mas nada era dito em voz alta. *E disse Deus: Haja luz. Deus disse isso, Saul, e Ele está vindo de tão longe, e Seu lar se foi, mas Seu propósito permanece. Você negaria a Ele um novo reino?* (VANDERMEER, 2016, p. 112).

O ponto da revelação onírica que se destaca é a premonição de futuras batalhas entre os povos por recursos naturais. Já que a matéria dos sonhos "são memórias, ninguém sonha sem ter vivido" (RIBEIRO, 2019, p. 17), infere-se que o *alien* tenha um entendimento temporal mais avançado e possa visualizar acontecimentos além do momento presente da narrativa. O viajante cósmico escolheu mostrar o futuro da humanidade, sua migração interestelar e seu sonho (no sentido de planos à longo prazo) de construir seu reino na Terra por meio da adaptação à cosmovisão do ex-pastor (com o emprego de vocábulos bíblicos e pelo sonho profético em si).

Essa iluminação social se dá em um momento no qual o faroleiro ainda se encontra no estágio inicial de sua infecção, antes de se transformar na criatura que escreve com fungos. De acordo com o que foi citado anteriormente, após a mutação, Saul ainda guarda resquícios de seu passado como humano. Portanto, a invasão onírica do cérebro do homem aponta para um avanço da contaminação em seu corpo, bem como para o esquecimento de memórias pessoais que dariam lugar às partes refeitas pela entidade espacial. Apenas a escritura do sermão com os esporocarpos e a elaboração do sonho profético seriam suficientes para provar que a Área X não é apenas uma ambientação qualquer.

Ademais à contraposição da destruição ambiental causada pelos espaços antropocêntricos, o território dominado pela entidade articula recursos de transmissão de mensagens com maior habilidade do que os próprios humanos. Dessa maneira, tal ambientação se torna capaz de ser categorizada como uma personagem, visto que ela é "o que há de mais vivo no romance e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade" (CANDIDO *et al.*, 1976, p. 54) do extraterrestre por parte de quem está lendo a trilogia. Adicionalmente, a costa abandonada consegue enriquecer a construção de sua personalidade somando sua comunicação, sua jornada (a destruição de seu lar original e sua chegada no planeta Terra) e seu propósito (forjar um novo reino) com métodos estratégicos práticos para ocupar espaços dominados por sociedades terrenas. A título de exemplo, apresenta-se o seguinte trecho retirado de *Autoridade* (VANDERMEER, 2015, p. 341):

Mesmo agora ela hesitava, não queria revelar um segredo altamente confidencial de um país que dali a uma semana talvez nem existisse mais. Então respondeu numa voz apática:

— A contaminação dos locais em que recolhemos a topógrafa e a antropóloga rompeu a quarentena e continuou a crescer, apesar dos nossos maiores esforços.

— Meu Deus — exclamou ele.

[...]

— Que tipo de contaminação? — perguntou, embora ele achasse que já sabia.

— O tipo que arrasa tudo. O tipo que você só vê quando já é tarde demais. — Você não pode fazer nada?

Ela soltou uma risada áspera, como se quisesse tossir para livrar-se de algo.

— Vamos fazer o quê, John? Vamos combater isso plantando minas no território? Poluindo aqueles lugares todos até transformá-los num inferno? Contaminando as adutoras de água com metais pesados?

[...]

— Examinamos de novo os lugares onde os membros da última décima primeira expedição foram encontrados, para ver se exibiam uma reação similar. Não encontramos nada. Então achamos que eles provavelmente tinham outro propósito. E que esse propósito era contaminar o Comando Sul propriamente dito. Tínhamos pistas disso há um tempo. Só não soubemos interpretar corretamente, não chegamos a um acordo sobre o que significavam. Tudo que precisávamos era de um pouco mais de tempo, um pouco mais de dados.

Alguns corpos tinham se decomposto “um pouco mais rápido”, como Grace lhe dissera, quando a diretora ordenou sua exumação.

Segundo o relato supracitado, as cópias de voluntários que retornaram para o lado militar da fronteira foram criadas com o único propósito de morrerem de câncer, similarmente ao ocorrido com o marido da bióloga. Com seus corpos sem vida, as células infectadas passaram, por meio da decomposição, para o solo no qual foram enterrados, o que resultou na aceleração da contaminação em zonas até então não alcançadas pelo ser espacial. Já as duplicatas dos membros da décima segunda expedição (a topógrafa e a antropóloga) foram recriadas com o intuito de migrar para terrenos ainda mais distantes e implantar passagens espaço-temporais as quais poderão ser atravessadas posteriormente (BAINDUR, 2021). Tanto a decomposição das estruturas físicas infectadas quanto a implementação das passagens que atravessam o tempo e o espaço constituem estratégias premeditadas pela inteligência de uma personagem que guia a narrativa.

Logo, em oposição à figura da mãe natureza que tudo provê, mas que sofre passivamente aos abusos produtivistas da indústria, a Área X possui a capacidade de se defender do homo sapiens e recriá-lo com a finalidade que melhor lhe convir. Esse tipo de personagem é chamado pela crítica literária de antagonista, sendo aquele “que se opõe à protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características diametralmente opostas às da protagonista” (FACIROLI; RAMOS; IVAN, 2014, p. 12). A paisagem

empregada como uma antagonista corrobora o fato de que todo o enredo de *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), *Autoridade* (VANDERMEER, 2015) e *Aceitação* (VANDERMEER, 2016) constitui uma alegoria da crise climática vivenciada pelas sociedades contemporâneas.

Segundo Baidur (2021, p. 22), “a área X representa o colapso do humano. Ao contrário do Antropoceno onde as atividades humanas criam monstros na natureza, aqui acontece uma inversão, a natureza cria monstros pela transmutação dos humanos” (tradução nossa)<sup>8</sup>. As páginas da ficção do estranho sobre o terror causado pelo extraterrestre e suas misturas de *Deoxyribonucleic Acid* (DNA) humano e não humano simbolizam o desconforto crescente entre a humanidade e seu próprio ambiente não-místico, o qual fica mais estranho e inóspito a cada dia que passa.

---

<sup>8</sup> Do original: “*Área X represents the collapse of the human. Unlike the Anthropocene where human activities create monsters in nature, here a reversal happens, nature creates monsters by transmutation of humans*” (BAINDUR, 2021, p. 22).

## 9 ATIVISMO EPISTEMOLÓGICO EM FAVOR DA ECOLOGIA

São variados os recursos literários que o escritor anglófono utiliza para passar sua mensagem ecocrítica ao público-leitor. Por meio da comparação, é possível estabelecer paralelos entre as ideias implícitas e explícitas de suas ficções com as reflexões de um dos líderes indígenas brasileiros mais proeminentes na luta pela preservação ambiental. Ailton Krenak, por exemplo, é um filósofo ambientalista que publicou uma obra intitulada *A vida não é útil* (2021), cujo foco é o desafio da continuidade dos hábitos predatórios e consumistas frente à pandemia do coronavírus.

Nesse curto e acessível compilado de textos, Krenak (2021) aponta que, para além das organizações governamentais, os cidadãos que vivenciam o capitalismo tardio são governados por corporações gigantescas. O poder dessas “marcas aglutinadas” (KRENAK, 2021, p. 15) não ganha tanto destaque na trilogia *Comando Sul*, já que o foco de sua crítica é o desprezo pelas indústrias que contaminam o meio ambiente e a má administração causada pela disputa desnecessária de autoridade entre os servidores públicos. Contudo, as aglomerações de produtoras de itens comercializáveis são representadas na literatura do estranho de Jeff VanderMeer em seu romance *Borne: A Novel* (2017) e em todos os livros os quais têm por ambientação o apocalipse biotecnológico causado pela empresa *Company*.

A tese defendida por Krenak (2021) que mais se encaixa nas obras em destaque neste trabalho é a relacionada à teoria de Gaia, criada por Jalde Lovelock. Trata-se da ideia de que a Terra seja um macro organismo vivo do qual estamos desconectados pelas distrações consumistas e de entretenimento. Segundo o pensador indígena brasileiro, é difícil perceber mais vida nos locais os quais o conhecimento ocidental considera apenas como recursos exploráveis. Se é laborioso para as mentes pós-modernas, forjadas na base de overdose de demandas recreativas, imaginarem vida no organismo da Terra, a literatura de VanderMeer passa essa mensagem de maneira literal. A geografia da Área X conta com paredes feitas de tecido vivo que respiram e com macrocriaturas que se misturam com o chão e com o céu. Ela, além disso, engloba todos os elementos da paisagem para comunicar as vontades da entidade biológica.

Mesmo fora da escala cósmica, os indivíduos supracitados possuem certa insensibilidade na percepção da vida não antropomorfa. O *best-seller* intitulado *A vida secreta*

*das árvores* (2017), de Peter Wohlleben, contém relatos da carreira do alemão como engenheiro florestal. Peter faz um trabalho de preservação ambiental inovador que deixa o ecossistema equilibrado, resultando em matas frondosas e saudáveis. De acordo com seus estudos, Wohlleben (2017) afirma que as árvores têm o que pode ser chamado de personalidade e que esta interfere em aspectos do cotidiano, tais como o momento divergente da queda das folhas entre plantas da mesma região.

“As árvores se comunicam por meios olfativos, visuais e elétricos (para isso se valem de uma espécie de célula nervosa nas pontas das raízes)” (WOHLLEBEN, 2017, p. 18). Elas empregam tal habilidade para transmitir mensagens para outras plantas e entre as partes de seus próprios corpos. Podem alertar sobre predadores e emitir substâncias de defesa dispersadas pelo vento. Uma imensa rede de fungos no subterrâneo as conectam e possibilitam o que o engenheiro europeu nomeia como “serviço social” (WOHLLEBEN, 2017, p. 19): as árvores de diferentes espécies mostram-se competitivas, enquanto as da mesma compartilham nutrientes quando os têm de sobra e recebem ajuda de sua comunidade se necessário.

Outro tópico equiparável entre os capítulos redigidos pelo descendente dos povos originários sul-americanos e os livros do subgênero *New Weird* é a aversão à perspectiva antropocêntrica. Conforme o líder indígena, “o povo Krenak desconfia de uma qualidade humana especial, por isso se associa a seres com quem tem mais afinidade (como pedras, rios, plantas)” (KRENAK, 2021, p. 51). A maior prova da falha da posição central do homo sapiens no universo, de acordo com Krenak (2021), seria a possibilidade do uso da evolução tecnológica para a completa destruição da espécie em questão. O autor brasileiro ressalta que os ameríndios conservam histórias ancestrais sobre a origem da vida no planeta e “carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos” (KRENAK, 2021, p. 52).

Em *Aniquilação* (VANDERMEER, 2018), as personagens voltam a ser descategorizadas como espécie ao abnegar habilidades supostamente exclusivas para se conectar com o todo. Essa ligação é similarmente essencial para personalidades de outros universos ficcionais do fijiano, como o elo materno entre a catadora de lixo e a criatura amorfa em *Borne: A Novel* (VANDERMEER, 2017). Ambos os contemporâneos defendem “que temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (KRENAK, 2021, p. 24) para frear a destruição da raça humana. Como escritor de distopias, Jeff VanderMeer “não busca dar soluções para as situações distópicas, mas propõe mudanças no “ponto de vista” (ABE, 2021, p. 285). Dissemelhantemente, o filósofo Krenak aponta a “agroecologia”

(KRENAK, 2021, p. 21) e a “permacultura” (KRENAK, 2021, p. 21) como práticas positivas para a causa.

## 10 O SACRIFÍCIO FINAL

Em linhas gerais, o que se argumentou foi que tanto aspectos estruturais quanto temáticos contribuem para a concepção do projeto literário ecocrítico de Jeff VanderMeer. O fijiano utiliza o gênero *New Weird*, uma expressão que mistura a literatura fantástica, o horror cósmico e a ficção científica para desenvolver livros distópicos que expõem reflexões, com foco no problema global da crise ecológica. Tanto as criaturas fantásticas quanto as obras de VanderMeer possuem caráter quimérico. As personagens são confeccionadas com a fusão do humano e do não humano, fato que ajuda a despertar a empatia do leitor para com a fauna e flora, normalmente interpretadas como recurso para exploração. Em relação à estrutura das histórias, o escritor desconstrói percepções preconcebidas do conceito do que deveria ser um livro de literatura e emprega o pluralismo de formas ao valer-se dos mais variados tipos de textos, tais como artigos acadêmicos ou até biografias.

Provou-se a existência de uma conexão entre os universos inventados pelo amante de reservas naturais de vida selvagem e sua vivência durante o período histórico e geológico do antropoceno. As localidades litorâneas e acidentadas de seus enredos dialogam com paisagens do arquipélago de Fiji, local de seu nascimento, bem como com as de sua atual residência na Flórida. O autor, do mesmo modo, emprega a diversidade étnico-racial das Américas, conceitos da biologia moderna (como a relação simbiótica entre as espécies (POUYU-ROJAS; SIQUEIRA; SANTOS, 2006), a reciclagem de matéria cósmica e a comunicação das plantas por meio de uma rede subterrânea de fungos) e pesquisas contemporâneas sobre toxinas (tanto as presentes no meio ambiente como as nos corpos humanos) na elaboração de suas narrativas. O adepto do *New Weird* soma o elemento místico e o horror cósmico aos conhecimentos científicos da realidade.

Para passar seu alerta, VanderMeer escreve histórias distópicas, já que a antiutopia pode ser “utilizada como instrumento de reflexão acerca dos “efeitos de barbárie” que nos cercam na contemporaneidade” (HILÁRIO, 2013, p. 212). Todavia, a distopia Jeffriana se difere das demais obras do gênero que contemplam a discussão da questão climática. Em relação à trilogia *Comando Sul*, o artista de língua inglesa arquiteta um mundo primário tão distópico e caótico quanto o secundário. No primário, os indivíduos renunciaram à sua humanidade ao destruir cruelmente a natureza. Já no secundário, tal renúncia se dá com o

objetivo de submissão a um líder cósmico que manipula as personagens para seus propósitos de dominação. Contudo, ao adicionar elementos utópicos na esfera secundária, como a característica messiânica da entidade e as suas ações de reflorestamento e despoluição, o fijiano leva o seu público a validar as ações da antagonista.

Outro aspecto que diferencia a obra de VanderMeer dos roteiros famosos lançados pela indústria hollywoodiana é a solução não genérica para os problemas comunitários decorrentes do colapso ambiental. Segundo Netto e Colacios (2021), a linha de raciocínio dos roteiristas e diretores responsáveis por tais filmes é a de que toda mazela ampliada pela alteração do clima será resolvida com o desenvolvimento de tecnologia. *A priori*, o erro do sistema capitalista seria não compartilhar essas soluções quase mágicas com quem não faz parte da elite. Sendo assim, a luta pelo compartilhamento de recursos e dados cabe à um pequeno grupo formado, em maioria, por homens brancos anglófonos. Em contrapartida, o final da trilogia destacada neste trabalho ressalta a pequenez da visão antropocêntrica do mundo perante um poder natural maior e emprega a diversidade de gênero, etnia e sexualidade nos acontecimentos principais da trama.

Um dos recursos literários que VanderMeer aplica em defesa da consciência ambiental mais importantes enfatizados nesta monografia é a construção da antagonista. A Área X é uma ambientação que se encaixa na definição de personagem antagonista, pois “revela-se como o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a narrativa” (FACIROLI; RAMOS; IVAN, 2014, p. 12). Então, o território contaminado não consiste em um “espaço heterólogo” (BORGES FILHO, 2007, p. 41), o qual faria oposição à arquitetura das construções humanas consonantes com a psique das personagens, os conceituados “espaços homólogos” (BORGES FILHO, 2007, p. 40) presentes nos três livros. Tal zona costeira se comunica e age de forma análoga aos dogmas cristãos e à ética colonial empregados pela expansão europeia, como nos sonhos proféticos e nos sermões. Tal equiparação com uma cosmopercepção divina popular no ocidente é apoiada por ações práticas estratégicas de dominação de território. Ou seja, a Área X recria soldados baseados nos militares voluntários das expedições e, assim, expande sua propriedade e controle.

Ao fazer uma análise literária aprofundada, constata-se que *Aniquilação* (VANDERMEER, 2014), *Autoridade* (VANDERMEER, 2015) e *Aceitação* (VANDERMEER, 2016) transmitem um “discurso acerca de uma coisa para fazer compreender outra” (MOISÉS, 2004, p. 14), que é a definição decrita por Massaud Moisés relacionada ao conceito de alegoria. Em outras palavras, a trilogia relata um enredo de terror cósmico para fazer o leitor refletir sobre a distopia ambiental do agora, “relacionando o

fantástico às fronteiras, à liminaridade e à irracionalidade inerente da ignorância das mudanças climáticas diante de evidências esmagadoras” (ROBERTSON, 2018, p. 65) (tradução nossa)<sup>9</sup>.

Assim, o plano literário mostra-se mais criativo para dissertar sobre os princípios da Teoria de Gaia (a Terra como um organismo vivo) e despertar consciência ecológica em seus leitores, já que este é um aprendizado subjetivo e subjetividade é um dos campos mais trabalhados nas obras de literatura. A ficção de Jeff VanderMeer se alinha com pensamentos do ativista indígena Ailton Krenak ao descrever “as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes” (KRENAK, 2021, p. 52), visto que “o poder do romance de VanderMeer emerge de seu compromisso em apresentar agentes não humanos como seres autônomos capazes de pensar e agir” (COBY, 2020, p. 15) (tradução nossa)<sup>10</sup>. São várias as similaridades entre a filosofia do ambientalista brasileiro e a do escritor fijiano, dentre elas a culpabilização das grandes corporações, a associação afetiva do humano com outros seres e a necessidade de “abandonar o antropocentrismo” (KRENAK, 2021, p. 81).

Este seria o último sacrifício a ser realizado, a morte proposital da lógica que coloca o humano como centro do universo. Uma morte que honraria o sacrifício da carreira dos cientistas que alertaram a população, mesmo depois do derretimento das calotas polares ter atingido níveis irreversíveis (PINOTTI, 2016). Morte que honraria os órgãos de proteção, governamentais ou não, dos biomas, organizações formadas por pessoas que sacrificam horas de trabalho em prol da sustentabilidade da vida. Morte que honraria as vidas dos ativistas ambientais sacrificadas na luta direta contra a exploração exacerbada dos recursos naturais. No lugar da perspectiva antropocentrista, VanderMeer sugere enfrentar a distopia ecológica do agora com afeto pela natureza e esperança na adaptação.

---

<sup>9</sup> Do original: “[...] *y relating the fantastic to borders, liminality, and the inherent irrationality of climate change ignorance in the face of overwhelming evidence*” (ROBERTSON, 2018, p. 65).

<sup>10</sup> Do original: “[...] *power of VanderMeer’s novel emerges from its commitment to presenting nonhuman agents as autonomous beings capable of thought and action [...]*” (COBY, 2020, p. 15).

## REFERÊNCIAS

2012. Direção: Roland Emmerich. Produção: Roland Emmerich, Harald Kloser, Mark Gordon e Michael Wimer. Intérpretes: Alexandre Hausmann, Amanda Peet, Beatrice Rosen, Chiwetel Ejiofor, Danny Glover, Johann Urb, John Billingsley, John Cusack, Liam James, Morgan Lily, Oliver Platt, Philippe Hausmann, Thandie Newton, Thomas McCarthy, Woody Harrelson, Zlatko Buric. Roteiro: Harald Kloser e Roland Emmerich. Estados Unidos: Sony Pictures, 2009. DVD.

ABE, Paulo. Uma análise literária do indivíduo na utopia e na distopia (1984 e Nós). **Revista Trem de Letras**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 1-23, 2021.

AGUIAR, Cristhiano; TANIGUCHI, André Karaszczuk. New weird e literatura brasileira: análise do conto *Menina bonita bordada de entropia*, de Cirilo Lemos. **Literartes**, n. 15, p. 108-122, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/187919/178756>. Acesso em: 6 out. 2022.

ALEXIM, Alexandria dos Santos; LOPES, Leonardo da Silva. A perda da biodiversidade e sua discussão nas relações internacionais. **REGIT**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 70-80, 2022.

ALMEIDA, Pedro Caio Sousa; SILVA, Antônio de Pádua Dias da. O significado da distopia em Não Verás País Nenhum: uma reflexão sobre literatura e política. **Leitura**, Maceió, n. 68, p. 281-296, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/10486/8395>. Acesso em: 6 out. 2022.

BAINDUR, Meera. Ecofear as visible and invisible: conceptual underpinnings of The Southern Reach Trilogy by Jeff VanderMeer. **International Journal of Fear Studies**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 10-24, 2021. Disponível em: <https://prism.ucalgary.ca/bitstream/handle/1880/113231/Baindu%20IJFS%203%20%281%29%202021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 out. 2022.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **Editorial da MORUS –Utopia e Renascimento**, [S. l.], v. 2, p. 4-10, 2005. Disponível em: [https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel\\_prod\\_3.pdf](https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf). Acesso em: 6 out. 2022.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão, 2007.

CAIXETA, Danila Soares; CAIXETA, Frederico César; MENEZES FILHO, Frederico Carlos Martins de. Nano e microplásticos nos ecossistemas: impactos ambientais e efeitos sobre os organismos. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 15, n. 27, p. 19-24, 2018. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2018a/biol/nano.pdf>. Acesso em: 6 out. 2022.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COBY, Jim. Reading Jeff VanderMeer's annihilation in the anthropocene. **Journal of Science Fiction**, [Indiana], v. 4, n. 1, p. 15-16, jul. 2020. Disponível em: <https://publish.lib.umd.edu/?journal=scifi&page=article&op=view&path%5B%5D=516&path%5B%5D=897>. Acesso em: 6 out. 2022.

ELYSIUM. Direção: Neill Blomkamp. Produção: Simon Kinberg, Sue Baden-Powell, Bill Block e Neill Blomkamp. Intérpretes: Matt Damon, Jodie Foster, Sharlto Copley, Alice Braga, Diego Luna, Wagner Moura, William Fichtner, Brandon Aurret, Josh Blacker, Emma Tremblay, Jose Pablo Cantillo. Roteiro: Neill Blomkamp. Estados Unidos da América: Sony Pictures, 2013. Serviço de *streaming*.

FACIROLI, Ana Lúvia; RAMOS, Camila de Figueiredo; IVAN, Maria Eloísa de Souza. A perversidade nos contos de fadas: a construção da personagem antagonista. **Revista Eletrônica de Letras**, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 1-30, jan./dez. 2014.

FEARNSIDE, Philip M. 2020. Desmatamento na Amazônia brasileira: história, índices e consequências. In: FEARNSIDE, Philip M. (ed.) **Destruição e conservação da floresta amazônica**, Vol. 1. Manaus: INPA, 2020. v. 1. p. 7-19. No prelo.

FERREIRA, Vitor. É mais fácil imaginar o fim da sua vida do que o fim do capitalismo. **O Partisano**, 17 dez. 2020. Disponível em: [e-mais-facil-imaginar-o-fim-da-sua-vida-do-que-o-fim-do-capitalismo](https://www.o-partisano.com.br/2020/12/17/e-mais-facil-imaginar-o-fim-da-sua-vida-do-que-o-fim-do-capitalismo/) Acesso em: 6 out. 2022.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2022.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anu. Lit.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201/25995>. Acesso em: 6 out. 2022.

INTERESTELAR. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan, Lynda Obst e Thomas Tull. Intérpretes: Matthew McConaughey, Anne Hathaway, Jessica Chastain, Wes Bentley, Matt Damon, Mackenzie Foy, Elyes Gabel, Michael Caine, Casey Affleck, Topher Grace, Ellen Burstyn, John Lithgow. Roteiro: Jonathan Nolan e Christopher Nolan. Estados Unidos; Reino Unido: Warner Bros, 2014. Serviço de *streaming*.

JACOBI, Pedro. Meio ambiente e sustentabilidade. In: **O Município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: CEPAM, 1999. p. 175-183.

JERONČIĆ, Edita; WILLEMS, Brian. Vacuum ecology: J. G. Ballard and Jeff VanderMeer. **Acta Neophilologica**, [S. l.], v. 51, n. 1-2, p. 5-15, nov. 2018.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRÜGER, Eduardo L. Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], n. 4, p. 37-43, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3038/2429>. Acesso em: 6 out. 2022.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MARQUES, Luiz. O Antropoceno como aceleração do aquecimento global. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 1-20, maio 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5968/5583>. Acesso em: 6 out. 2022.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

NETTO, David Castro; COLACIOS, Roger Domenech. Uma Terra somente: distopia ambiental no cinema hollywoodiano (séc. XXI). **ALCEU**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 68-89, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/200/201>. Acesso em: 6 out. 2022.

PINOTTI, Rafael. **Educação ambiental para o século XXI: no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2016.

POUYU-ROJAS, Enrique; SIQUEIRA, José Oswaldo; SANTOS, José Geraldo Donizetti. Compatibilidade simbiótica de fungos micorrízicos arbusculares com espécies arbóreas tropicais. **R. Bras. Ci. Solo**, [S. l.], n. 30, p. 413-424, 2006.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROBERTSON, Benjamin J. **None of this is normal**: the fiction of Jeff VanderMeer. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introducción a las Epistemologías del Sur. In: MENESES, Maria Paula; BIDASECA, Karina (coords.). **Epistemologías del Sur**. Buenos Aires: CLACSO/Coímbra: CES, 2018. p. 25-61.

SANTOS, Taynnã de Camargo. A distopia em tempos de pandemia: Entrevista com Luisa Geisler. **Revista 2i**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 243-247, 2020.

SUVIN, Darko. Um breve tratado sobre a Distopia 2001. **MORUS**: Utopia e Renascimento, [S. l.], n. 10, n. 1, p.465-487, 2015. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/255/230>. Acesso em: 6 out. 2022.

VANDERMEER, Jeff. **Aceitação**. Tradução: Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. (Trilogia Comando Sul; 1)

VANDERMEER, Jeff. **Aniquilação**. Tradução: Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. (Trilogia Comando Sul; 1)

VANDERMEER, Jeff. **Autoridade**. Tradução: Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. (Trilogia Comando Sul; 1)

VANDERMEER, Jeff. **Borne**: a novel. [S. l.]: MCD Books, 2017.

VANDERMEER, Jeff. **City of saints and madmen**: (Ambergris). [S. l.]: Pan Books, 2018a.

VANDERMEER, Jeff. **Dead astronauts**: a novel. [S. l.]: MCD Books, 2019.

VANDERMEER, Jeff. **Finch**: a novel: 3. [S. l.]: Picador USA, 2022a.

VANDERMEER, Jeff. **Jeff VanderMeer**. [S. l.], 2022b. Disponível em: <https://www.jeffvandermeer.com/about/>. Acesso em: 24 ago 2022.

VANDERMEER, Jeff. **Shriek**: an afterword: a novel: 2. [S. l.]: Picador USA, 2022c.

VANDERMEER, Jeff. **The strange bird**: a borne story. [S. l.]: MCD Books, 2018b.

VANDERMEER, Jeff. **The third bear**. San Francisco: Tachyon Publications, 2010.

VANDERMEER, Jeff. **Well, hello there, Lil Nugget**. Tallahassee, 26 set. 2022d. Twitter: @jeffvandermeer.

VAZ, Armindo dos Santos. Depois das antigas traduções da Bíblia. **Didaskalia**, [S. l.], v. XLIV, n. I, p. 57-103, 2014.

VIEIRA, António. Manuel. **Sermão da sexagésima**. Introdução, Comentários, Síntese e Glossário: Manuel dos Santos Alves. Lisboa: Veja, 1998.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**. Tradução: Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.